



A DIALÉTICA DAS DIVISÕES EM PLATÃO: UMA APRESENTAÇÃO A PARTIR DO *FEDRO*

*Élan Sikora*¹

 <https://orcid.org/0009-0000-4369-985X>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.2.9895>

RESUMO: Este ensaio se ocupa da noção de dialética na antiguidade grega, ocupando-se, majoritariamente, pela dialética em Platão. Em específico, da dialética das divisões que é utilizada como método de pesquisa no quadro de diálogos como *Parmênides*, *Sofista*, *Político*, *Filebo* e *Timeu*. Entretanto, o escopo deste ensaio não adentra as peculiaridades de cada um destes diálogos, mas, por sua vez, se ocupa da principal formulação deste método que se encontra no diálogo *Fedro* 265e1-2. Onde o método de pesquisa proposto por Platão orienta-se, ora na direção de uma “coleção” (*synagôgê*), que encerra uma unidade (gênero) a partir da multiplicidade, ora na direção de uma “divisão” (*diatémnein*) desta unidade, dividindo por espécies. A partir desta passagem em particular, se pretende mostrar como o método de Platão é constituído e quais são as possíveis influências de filósofos anteriores que podem estar presentes na maneira como Platão desenvolve seu método.

Palavras-chave: Dialética; Divisão; Método; Coleção; Divisão

THE DIALECTIC OF DIVISIONS IN PLATO: A PRESENTATION BASED ON THE PHAEDRO

ABSTRACT: This essay deals with the notion of dialectics in ancient Greece, focusing mainly on dialectics in Plato. Specifically, the dialectics of divisions which is used as a research method in dialogues such as *Parmenides*, *Sophist*, *Statesman*, *Philebus* and *Timaeus*. However, the scope of this essay does not delve into the peculiarities of each of these dialogues, but rather deals with the main formulation of this method found in the dialogue *Phaedrus* 265e1-2. Here, the research method proposed by Plato is oriented, sometimes towards a “collection” (*synagôgê*), which contains a unit (genus) from the multiplicity, sometimes towards a “division” (*diatémnein*) of this unit, dividing by species. From this particular passage, the aim is to show how Plato’s method is constituted and what are the possible influences of previous philosophers that may be present in the way Plato develops his method.

Keywords: Dialectic; Division; Method; Collection; Division

¹ Graduado em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestrando na linha de pesquisa de História da Filosofia, pelo Programa de Pós-Graduação em filosofia (PRPPG) da mesma instituição. E-mail: elangsikora@gmail.com.





INTRODUÇÃO

O exercício proposto neste ensaio é trazer elementos para tratar da dialética em Platão. O ensaio busca trazer uma maior compreensão da passagem de Platão em *Fedro* 265e1-3 que se trata de uma das principais formulações apresentadas ao método dialético das divisões (*διαίρεσις*). Na passagem, Platão busca exemplificar o procedimento ao associá-lo metaforicamente ao ato de cortar, decepar as articulações ou juntas em suas ligações naturais de modo preciso. Trata-se, diz Platão de; “(...) por espécies poder recortar segundos as articulações naturais e tentar não quebrar nenhuma parte, como faz um mau cozinheiro” (*Fedr.* 265e1-3). A figura do açougueiro², pelo momento, pouco importará, apesar de interessante enquanto metáfora comparativa com o método apresentado na passagem por Platão.

Da passagem o que é alvo do interesse deste ensaio; São o que podemos entender como a atividade dos dialéticos; o ato de recortar/dividir (*διατέμνειν*), próprio ao método das divisões (*διαίρεσις*); e a noção de “articulação natural” (*ἄρθρα ἢ πεφυκεν*). Em razão disto, o artigo será dividido em duas partes: (I) uma apresentação do que se entende por dialética na antiguidade grega, sua origem e principais características; (II) e uma apresentação do método de Platão a partir da passagem de *Fedro* 265e1-2.

1 AS ORIGENS E CARACTERÍSTICA GERAIS DA DIALÉTICA NA ANTIGUIDADE GREGA E EM PLATÃO

A principal referência sobre a origem da dialética se encontra em um fragmento de uma obra perdida do jovem Aristóteles de título *Sofista*, título homônimo ao do diálogo de seu mestre Platão. Esse fragmento foi trazido ao nosso tempo pelo testemunho de

² A palavra é μάγειρος, significando “cozinheiro” ou “açougueiro”. Entretanto, Pierre Chantraine (2009, p. 631-632) em seu dicionário etimológico, ao mencionar o filólogo alemão Kurt Latte, afirma que a palavra poderia conter um sentido religioso perdido ao passar do tempo. Especulo que seja por sua semelhança com um conjunto de palavras relacionadas a μαγός, como: μαγία, μαγεία (“religião dos magos”, “magia”, “feitiçaria”); μαγεύω (“fazer uso de meios mágicos”, “praticar magia”); μαγικός (“relativo ao mago”, “mágico”).



Diógenes Laercio e atribui a origem da dialética a Zenão de Eleia³ e da retórica a Empédocles, diz o fragmento:

DIOG. LAERT. 8.2.57 (3). *Ἀριστοτέλης δ' ἐν τῷ Σοφιστῇ φησὶ πρῶτον Ἐμπεδοκλέα ῥητορικὴν εὐρεῖν, Ζήνωνα δὲ διαλεκτικὴν.*⁴

*Aristóteles diz no Sofista que Empédocles foi o inventor da retórica, e Zenão da dialética.*⁵

Sobre ambas as artes (retórica e dialética), duas passagens são essenciais para mostrar a diferença que coloca em opostos essas duas artes. Sexto Empírico, em *Contra os Retóricos*, afirma, cito:

Por isso, Zenão de Cítio, quando perguntado sobre o que diferem a Dialética da Retórica, fechando e depois abrindo a mão, disse: “Diferem nisso”, comparando, por um lado, o caráter curto e compacto da Dialética ao cerrar da mão, e sugerindo, por outro, a abertura do estilo retórico pela abertura e extensão dos dedos (SEXTO EMPÍRICO, 2013, p. 7).

Essa passagem coloca em claro a diferença constitutiva da dialética e da retórica. Uma é compacta, operando por perguntas e respostas, a outra se estendendo em longos discursos. A segunda passagem, onde é possível visualizar essa característica contrária de ambas as artes está presente no *Górgias* de Platão. Sócrates ao interpelar Polo, seu interlocutor, o critica, pois este não cumprirá com a promessa de responder as perguntas que lhe são feitas, se estendendo na resposta. Quanto a isso, afirma Sócrates: “do que Polo falou, tornou-se-me evidente que ele tem dedicado mais à arte denominada retórica do que à da conversação (*διαλέγεσθαι*)” (*Górg.* 448d8-9). A característica da dialética como aqui apresentada, coloca em opostos dialética e retórica. A primeira, atividade de conversação, feita por perguntas e respostas, a segunda realizada por discursos mais demorados e longos.

O sentido mais corriqueiro de dialética na antiguidade é, portanto, o de “arte da conversação”. Assumido, como diz Giorgio Colli (1992, p. 61), pela atribuição mais direta da palavra, “no significado de arte real da discussão, de uma discussão real entre duas ou mais pessoas vivas”. Sobre o significado da palavra *διαλεκτική* (*dialektiké*) em

³ Trata-se no fragmento de Zenão de Eleia, não se deve confundir com Zenão de Cítio que será citado adiante quanto da caracterização da arte dialética.

⁴ Arist. fr. 65 Ross, v. Aristotelis, Fragmenta selecta, p. 15: ΣΟΦΙΣΤΗΕ, fr. 1

⁵ Tradução utilizada foi a de Mário da Gama Kury, LAERCIO, D, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, UnB, Campinas, 2008, p. 241.



Platão, está pode ser definida como arte de raciocínio utilizado na conversa, enquanto uma arte de discussão pautada pela conversação.

A etimologia da palavra dialética *διαλεκτική*, e do verbo *διαλέγεσθαι*, utilizado por Platão na passagem mencionada acima, advém de *διαλέγω* que além de significar “discorrer”; “conversar”, significa também, “colocar à parte”; “separar”; “escolher”; “selecionar”. Essa significação nos traz um sentido mais profundo da própria conversação dialética, não somente como conversa, mas sim, como uma conversa em que apresentada a questão o interlocutor deve, muitas das vezes, optar por um dos lados da disjunção, como diz Aristóteles nos *Primeiros Analíticos* que a “premissa dialética é uma pergunta por uma das partes da contradição” (*AnPr*, I, 1. 24a25) e que “(...) uma premissa dialética (...) é a colocação de uma contradição como uma questão (quando se está obtendo uma resposta) e a tomada de algo aparente e aceito” (*AnPr*, I, 1. 24b10). Veremos mais a diante como esse sentido da dialética como “separação”, “seleção” é própria a dialética do quadro de diálogos considerados tardios de Platão⁶, onde ela toma a forma do método de dicotômico das divisões (*διαίρεσις*).

Voltando ao significado da dialética como conversação, Giorgio Colli, assume somente esse sentido para dialética na antiguidade, atribuindo aos modernos a inclusão de outros elementos, ele diz: “por esse termo não se entende, evidentemente, o que nele incluímos nós, os modernos; a dialética é aqui empregada no sentido original do próprio termo” (COLLI, 1992, p. 61). Veremos a seguir como a dialética em Platão é prolifera em diversas delimitações. Ela não deixando, em nenhum momento de se tratar de uma forma de conversação, como afirma Colli, mas é possível visualizar nela características que a colocam em uma posição multifacetada.

Para Giovanni Casertano a dialética, cito: “(...) com os mesmos atributos e conotações que, *grosso modo* lhe damos hoje, nasce com Platão” (CASERTANO, 2018, p. 169). Casertano pede ao leitor para que sua afirmação seja entendida no seguinte sentido: “[...] por conseguinte, deve-se entender esta afirmação no sentido de que com

⁶ Refiro-me a este quadro de diálogos como sendo “considerados tardios”, pois a delimitação cronológica da obra de Platão é alvo, até os dias de hoje de grande discussão. Sobre isso ver: LOPES, R. “Ordenação dos Diálogos”. CORNELLI, G, LOPES, R. *Platão*. São Paulo: Paulus, 2018, 78-99.



Platão assistimos a uma primeira, complexa e estratificada ‘teorização’ da dialética” (CASERTANO, 2018, p. 170). Apesar da afirmação atribuir a Platão a origem da dialética como a conhecemos atualmente, pois este seria o primeiro a teorizá-la, deve-se atenção ao modo conciso e cauteloso de Casertano ao colocar “teorização” entre aspas. Pois apesar de Platão ter apresentado, na totalidade de sua obra, maneiras de se definir a dialética, não se faz presente uma teoria dialética no sentido forte da palavra teoria, isto é, “[...] como um “corpo” acabado e completo de proposições internamente consistentes” (ALMEIDA, 2019, p. 180). Cabe aqui mencionar, na direção de Nazareno de Almeida e principalmente de Andrea Nightingale que, cito Nazareno:

Em seu minucioso estudo sobre a origem do conceito (de teoria), Andrea Nightingale mostra sem sombra de dúvidas que o conceito platônico de teoria denota um multifacetado processo e não uma suposta “doutrina” acabada e puramente abstrata resultante deste processo. Assim, o sentido platônico original do termo grego ‘*theoria*’ é primariamente apreendido pelo termo ‘*teorização*’ e não por sua transliteração direta do termo ‘*teoria*’. Como característica fundamental do filósofo e de seu filosofar, ‘*theoria*’ denota sua atividade intelectual e não o que dela resulta (ALMEIDA, 2019, p. 181)

Talvez, ciente disso e com toda a certeza da variedade de maneiras como a dialética aparece em Platão, Casertano tenha afirmado que “(...) não se pode dizer simplisticamente ‘o que é a dialética em Platão’, dado que nos seus diálogos nos encontramos face a diversas teorizações, com acentuação de vários caracteres” (CASERTANO, 2018, p. 170). A esta variedade, ele nomeia de uma “(...) imagem caleidoscópica da concepção platônica da dialética” (CASERTANO, 2018, p. 170).

Sobre essa variedade temática da dialética em Platão, apresentada por Casertano, vale mencionar a delimitação feita por ele, separando a dialética em Platão em três grandes núcleos teóricos, são eles: (I) dialética como diálogo, nasce da discussão, sendo além de busca pela verdade meio para a correção metodológica, sentido aproximado ao que é dito por Colli da dialética enquanto conversação. Com a intenção de refutar a opinião defendida pelo interlocutor;⁷ (II) dialética pensada como

⁷ Esse modo pode também ser chamado de *elenchos éλεγχος* (refutação) socrático que leva a uma *κάθαρσις* (purificação). Trata-se de um privilegiado do método dialético que marca profundamente os diálogos platônicos considerados iniciais, onde se teria a presença predominante de Sócrates como personagem. Uma descrição deste modo em específico se encontra em *Górgias* 457c3-458c1, onde Górgias e Sócrates se incluem no conjunto das pessoas que tem prazer em serem refutadas, pois isso seria estar livre dos piores dos males possíveis, o de sustentar uma opinião errônea.



ciência (ἐπιστήμη)⁸ “(...) distinta das outras que usam uma lógica a-dialética; mostra-se ainda como um processo e como um método (...)” (CASERTANO, 2018, p. 171); (III) por fim, a dialética pensada como método das divisões, sendo descrita por Casertano como

(...) capacidade de conectar ideias, estabelecendo as possíveis relações e as eventuais incompatibilidades (distinguir por gêneros), mas também e principalmente como o conhecimento mais verdadeiro e, por conseguinte, como fim de todas as outras ciências (...) (CASERTANO, 2018, p. 171).

Esse último núcleo, é referente ao método das divisões e será sobre ele que nos deteremos em parte significativa do ensaio. Nos diálogos em que é presente, sempre nos é apresentado como sendo um método pertencente a arte dialética: Em *Fedro*, o personagem homônimo, se referindo a definição recém dada por Sócrates da arte que unifica e divide os gêneros, diz: “(...) está espécie (de arte) corretamente me parece designá-la, chamando-a dialética (...)” (*Fedr.*, 266c); ou ainda no *Sofista*: “Dividir por gêneros, (...), não é essa, como diríamos, a obra da ciência dialética? (*Soph*, 253d), sendo que “(...) o dom dialético, não atribuirás a nenhum outro, acredito, senão àquele que filosofa em toda pureza e justiça” (*Soph*, 253e); e no *Político*, o interesse pelas investigações realizadas pelo “método que prescreve a divisão por gêneros” (*Polit*, 286d), “(...) existe para nos tornar melhores dialéticos a propósito de todos os assuntos possíveis” (*Polit*, 285d). Apesar da dialética ser tomada na antiguidade em sentido próximo ao próprio uso da palavra, como já mencionado antes, isto é, a *διαλεκτική* (*dialektiké*) significando corriqueiramente “conversação”, tratando-se de uma discussão regida por perguntas e seguida de respostas. A dialética enquanto método das divisões, ocupa nos diálogos já citados, e em outros como *Filebo e Timeu*, uma função de extremo prestígio, figurando como ciência (ἐπιστήμη) e sendo, ela mesma, a própria atividade filosófica.

Apesar de haver uma mudança no estatuto da dialética em Platão, a depender do recorte de diálogos que estejam em questão, não entraremos aqui no debate sobre uma ‘evolução’ da noção de dialética em Platão no conjunto dos diálogos tardios, visto que ambas as questões – sobre uma mudança no estatuto da dialética e sobre a cronologia das obras de Platão - são objetos de extensas discussões, que não encontram

⁸ Segundo Casertano (p. 171 e 174) a dialética com o atributo de ciência já é o quadro presente nos livros VI e VII da *República*.



espaço no escopo deste trabalho. Se assume como pressupostos o que já foi dito por Casertano, isto é, a multiplicidade de teorizações formando uma “imagem caleidoscópica, não sendo possível (...) falar simplisticamente de um desenvolvimento, ou de uma ‘evolução da concepção platônica da dialética’” (CASERTANO, 2018, p. 170). E Cornford, que por sua vez, ao comparar o método de investigação presente nos diálogos onde o ‘procedimento socrático’ é utilizado com o método das divisões, vai dizer que a diferença reside no fato, cito:

O método socrático contempla uma única Forma (como o Belo em si) e várias outras coisas individuais que tomam parte da Forma. Apenas uma Forma é buscada, e a definição é garantida por um conjunto de instancias individuais. (...). Mas, como mostrou o *Parmênides*, a atenção de Platão foi transferida do grupo de indivíduos comuns a uma Forma para a relação das Formas em si mesmas e, particularmente, na relação entre as Formas que ocorre em uma definição de uma Forma específica (CORNFORD, 1957, p. 185, tradução nossa)

Para Cornford, a mudança de método, condiz com a mudança de objetivo quanto ao que é almejado. Ao invés de buscar uma definição que contemple uma única forma, o Belo, a virtude etc. Busca-se onde ocorre a combinação (*symplokê*) entre as formas/gêneros, sendo o discurso (*lógos*) resultado dessa combinação, e a aniquilação do discurso como resultado do isolamento das Formas. “É a maneira mais radical de aniquilar todo discurso, isolar cada coisa de todo o resto; pois é pela mútua combinação das formas que o discurso nasce” (*Soph.* 259e3-5). Nos voltemos, agora para segunda parte deste ensaio, quando analisaremos esse método em questão na sua formulação mais clássica presente no *Fedro*. Tentarei a medida do possível, correlacionar os pontos fundamentais desse método com outras passagens e referências, me valendo principalmente do *Político* de Platão e do tratado *Isagogé* de Porfírio de Tiro.

2 O MÉTODO DAS DIVISÕES: DA UNIDADE E DA MULTIPLICIDADE

O método ao qual nos deteremos aqui, pode ser chamado de método das coleções e divisões, ou “(...) simplesmente *diairesis* ou divisão” (PHILIP, 1966, p. 335). Dito de forma direta: trata-se de um método que busca definir o que algo é (*τί ποτ’ ἔσται*) a partir de formulações (*λόγῳ*) produzidas a partir da divisão sistemática de em gênero em suas respectivas espécies pela diferença específica.



A expressão (*lógôi tí pot ésti*) está no *Sofista* 218c1 e se trata, segundo Néstor Luis Cordeiro (2022, p. 339, nota 17) da: “(...) formulação clássica da investigação socrático-platônica, cuja resposta é a definição da essência (*ousía*).” O tradutor e comentador menciona, que a origem desta formulação é socrática, sendo atestada por Aristóteles em *Metafísica M* (XIII) 4, 1078b17-30, cito: “e é razoável que Sócrates tenha buscado o *o que é (tí èstin)*, pois buscava tecer raciocínios, e o princípio dos raciocínios é o o que é” (ARISTÓTELES, 2024, p. 276). E, em *Metafísica M* (XIII) 9, 1086b3-5, onde Aristóteles afirma que os que defendem que as essências e os universais são diferentes dos singulares sensíveis, tomariam tal posição, pois no âmbito sensível, os singulares fluem e estão sempre em mudança, sendo o universal algo distinto e apartado do singular, sem o qual não pode haver ciência. E que “(...) isso motivou Sócrates a proceder valendo-se de definições, sem, contudo, separá-las dos singulares, mas inteligindo-as, corretamente, como separadas” (ARISTÓTELES, 2024, p. 296, *Met. M.* 9, 1086b3-5). Nessas duas passagens, juntamente com *Metafísica A* 6, 987b1-6, Aristóteles se refere – para além de Sócrates - àqueles que ele chama de “defensores das ideias”, que argumentariam por essa posição que distingue o sensível sempre em fluxo, de “(...) algumas naturezas (*φύσεις*) diferentes que sejam permanentes, visto que do que flui não há ciência” (*Met. M.* 4, 1078b15-16). Sendo que a origem dessas “(...) opiniões a propósito das ideias foi decorrência de seus defensores terem se persuadido da verdade dos argumentos de Heráclito” (*Met. M.* 4, 1078b13-14). Em *Metafísica A* 6, 987b1-15, Aristóteles menciona Platão, dizendo que por inspiração de Sócrates, Platão também buscava a definição das essências e dos universais. E que também reteve de Crátilo as opiniões de Heráclito sobre o fluxo contínuo do sensível que impossibilita a ciência. A partir de ambas as influências Platão teria buscado as definições desses outros seres, denominando-os “(...) como “ideias”, das quais os sensíveis seriam apartados e segundo as quais todos eles [os sensíveis] seriam expressões, porque seria por participação nas espécies que os muitos seres seriam homônimos entre si” (*Met. A.* 6, 987b7-10). Toda esta longa digressão para dizer que aquilo que está sendo posto em ênfase por Platão na passagem do *Sofista* é a necessidade de se chegar a uma definição da essência, isto é, de uma Ideia ou Forma, como é dito no *Fedro*: “pois carece que homem entenda segundo o que se chama ideia,



de muitas sensações indo à unidade, por raciocínio (λογισμῶ) concebida” (*Fedr*, 249b8-9,249c1). Veremos em seguida ver como essa será a caracterização apresentada por Platão de seu método dialético das divisões, e da própria capacidade dialética, que consiste em “(...) ver um naturalmente sobre muitos” (*Fedr*, 266d6).

Esse método de divisão sistemática de um gênero em espécies pela diferença específica, que busca com isso chegar à definição de uma forma, recebeu o nome de “árvore de Porfírio”:

É justamente este o método usado pelo neoplatônico Porfírio de Tiro em sua mui influente interpretação das *Categorias* de Aristóteles exposta no tratado *Isagoge*. Nesta obra, o método platônico de divisão cumpre um papel central para a interpretação de Porfírio sobre a estrutura hierárquica das categorias aristotélicas segundo o esquema conceitual que correlaciona gênero, espécie e diferença específica. (ALMEIDA, 2024, p. 220).

De toda forma, a origem da “árvore de Porfírio” remonta a Platão e ao seu método das divisões, utilizado principalmente nos “diálogos-irmãos”⁹ *Sofista* e *Político*. Tentar-se-á, de maneira concisa dizer do que se trata o gênero, e a espécie. Para tal, partirei de algumas formulações apresentadas por Platão, além do auxílio valioso do já mencionado Porfírio.

2.1 A *Synagôgê*: da multiplicidade para a unidade

A única formulação anterior a aplicação do método de forma reiterada nos dois diálogos onde ele se faz presente está em *Fedro* (265d-266d), segundo Cornford:

(...) nenhuma consideração preliminar do método e dada e nenhuma regra estabelecida. A única descrição preliminar do método (*Fedro* 265d) nos diz que a divisão deve ser procedida por uma Coleção (συναγωγή) ou enquete dos termos (espécies) ‘amplamente espalhados’ que são trazidos sob uma única Forma (genérica) (CORNFORDE, 1957, p. 170, tradução nossa).

O primeiro elemento fundamental do método, trata-se desta coleção ou reunião (*synagôgê*), que antecede a divisão. Inicialmente, organiza-se em um único gênero/Forma ou ideia aquilo que se encontra disperso em multiplicidade perfazendo, desta maneira uma unidade. Vejamos a passagem do *Fedro*: “primeiro, a uma só ideia em visão de conjunto levar o que está disperso em multiplicidade, para que definindo cada unidade se ponha em claro aquilo que em cada caso se quer ensinar” (*Fedr*. 265d3-5). A

⁹ A expressão é de Nazareno Eduardo de Almeida em: “A árvore platônica das Formas: Uma visão comparativa as concepções das Formas na República (V-VII) e no Sofista”. *dois pontos*;, Curitiba, São Carlos, Volume 21, número 2, p. 219-241, julho de 2024

synagôge, como é visível na passagem acima, opera como uma forma de definição (*λογός*). Nesta passagem onde a *synagôgê* é apresentada, muitos dos comentadores irão argumentar que a função é pôr em ordem aquilo que se pretende ensinar. E que mesmo que se diga “(...) bem ou mal, pelo menos clareza e coerência interna por esse motivo pôde o discurso conseguir” (*Fedr.* 265d8-9). Segundo Kucharski, esse momento inicial de sistematização do que se encontra disperso em multiplicidade em um único gênero/Ideia ou Forma consiste em: “discernir o traço geral do objeto que se estuda” (KUCHARSKI, 1949, p. 183). E ainda, argumenta Néstor Luis Cordero (2021, p. 342):

Este recurso, em consequência, não seria um método de conhecimento, mas um procedimento de sistematização ou de hierarquização de elementos já conhecidos, com o objetivo de utilizá-los com a menor ambiguidade possível. Hoje diríamos que trata de deixar claros os termos do discurso (CORDEIRO, 2021, p. 342).

Sobre a formulação do gênero, Porfírio nos apresenta três acepções para gênero, a primeira, cito: “o gênero predica-se, com efeito, em primeiro lugar, de uma coleção de indivíduos que se comportam de um determinado modo em relação a um só ser e em relação uns aos outros” (*Isag.*, 1. 19-20); a segunda acepção de gênero é a seguinte: “(...) é o princípio da geração de cada umas das coisas, seja do gerador em si mesmo, seja do lugar em que uma coisa foi gerada (...) e, a seguir, a multidão de coisas que se geram num só princípio” (*Isag.*, 2. 1-2); A terceira:

Há ainda uma outra acepção para gênero, é o universal sob o qual se ordena a espécie (...) em tal acepção o gênero é uma espécie de princípio para todas as espécies que lhe são subordinadas, por isso que parece conter toda a multitude sob ele ordenada (*Isag.*, 2. 12-15).

Das três possibilidades de formulações que Porfírio apresenta para a acepção de gênero, aparenta, ao 160coloca-las ao lado da formulação platônica de gênero no *Fedro*, todas compartilham uma característica em comum: ou gênero formado a partir de uma multiplicidade; ou princípio a partir do qual se segue uma multiplicidade de coisas geradas a partir dele; ou ainda, o universal que ordena todas as espécies contendo toda multiplicidade. Isto é, a já mencionada capacidade dialética, exposta por Platão no *Fedro* como essa capacidade de “(...) ver um naturalmente sobre muitos” (*Fedr.* 266d6), indo das sensações múltiplas para constituir uma unidade.

Ainda sobre a maneira como podemos entender a formulação de um gênero, Platão no *Político*, apresenta uma formulação semelhante à do *Fedro*, e que ressoa as



acepções apresentadas por Porfirio, onde é afirmada a necessidade de se operar a multiplicidade para a partir de uma única semelhança reunir todos os traços de semelhança em um único gênero, cito:

(...) e, com relação às dessemelhanças de toda espécie, que podemos observar numa multidão, não nos desencorajamos nem delas nos separamos, antes de havermos reunido, em uma única similitude, todos os traços de semelhança que elas encerram, reunindo-as na essência de um gênero. (*Polit.* 285b3-6).

Dito isso sobre o processo da *synagôge*, voltemos a nossa atenção para o procedimento da *diairésis*.

3.1 A *Diairésis*: da unidade para a multiplicidade dividindo por espécies

A *divisão* (*διαίρεσις*), que consistiria na sistemática tentativa de dividir os *εἶδη* pelas articulações naturais, sem quebrar nenhuma parte, “como faz um mau cozinheiro” (*Fedr.* 265e2), depende em princípio da instituição de um gênero a partir do qual se é possível realizar a divisão. Retomando a passagem anteriormente citada de Francis Cornford “(...) a divisão deve ser procedida por uma Coleção (*συναγωγή*)” (CORNFORD, 1957, p. 170).

A formulação presente no *Fedro* parece evidente, cito novamente: “(...) por espécies poder recortar segundos as articulações naturais e tentar não quebrar nenhuma parte, como faz um mau cozinheiro” (*Fedr.* 265e1-3) (*κατ’εἶδη... διατέμνειν κατ’ἄρθρα ἢ πέφυκεν*). Essa passagem deixa clara a subordinação da aplicação do método as condições postas pela natureza, como diz Phillip (1966, p. 346), “(...) você não cria a sua divisão. Você encontra onde a natureza fez as espécies divisíveis (...) ao esculpir sua espécie superior em dois (ou mais) partes que você corta no ponto de divisão natural.” (PHILLIP, 1966, p. 346). São nas linhas delimitadas pela natureza que se deve cortar com precisão as formas, levando em consideração quando elas se comunicam ou se repelem, quando encerram uma unidade ou se repelem em multiplicidade. No *Sofista* essa capacidade própria a dialética da unidade para a multiplicidade e da multiplicidade para unidade, própria a capacidade de “dividir por gêneros” (*Soph.* 253d1) é descrita de maneira exaustiva, onde Platão apresenta diversas maneiras de como se pode operar por divisão, cito:



Aquele que assim é capaz discerne, em olhar penetrante, uma forma única desdobrada em todos os sentidos, através de uma pluralidade de formas, das quais cada uma permanece distinta; e mais: uma pluralidade de formas diferentes umas das outras envolvidas exteriormente por uma forma única repartida através da pluralidade de todos e ligada à unidade; finalmente, numerosas formas inteiramente isoladas e separadas; e assim sabe discernir, gêneros por gêneros, as associações que para cada um deles são possíveis ou impossíveis (*Soph*, 253d4-e1).

De forma geral, a ideia é a de que alguns gêneros podem comunicar-se, outros não, “uns se prestam a uma comunidade mútua, outros não” (*Soph*, 254b). Como diz Bárbara Helena de Oliveira Santos, em seu artigo sobre a unidade e multiplicidade no *Sofista* de Platão:

Tais linhas divisórias naturais entre as *eide*, que aparecem nos esquemas divisionais, sempre têm um caráter duplo: por um lado, são onde elas “se tocam”, os “lugares” onde se dá um tipo de comunidade entre elas; e, por outro lado, tais linhas são os horizontes naturais mantidos pela identidade de cada uma das Formas (SANTOS, 2021, p. 3).

Essa relação entre unidade e multiplicidade aparece de maneira clara no *Sofista*, quando o Estrangeiro de Eleia, menciona “(...) certas Musas jônicas ou sicilianas” (*Soph*, 242d)”, que teriam dito que: “o ser é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, mantendo-se a sua coesão pelo ódio e pela amizade” (*Soph*. 242e). As duas musas as quais Platão se refere são Heráclito e Empédocles e as suas teses de que o ser é múltiplo e uno, mantendo a coesão pela amizade e discórdia (Empédocles) (DK 31B17). Sendo “(...) umas vezes o todo é uno, pela amizade que nele Afrodite mantém, outras vezes é múltiplo e hostil a si mesmo, em virtude de não sei que discórdia” (*Soph*. 243a1-3) (Heráclito) (DK 22B51).

Novamente no *Sofista* 259d-e, Platão volta a mencionar as musas, ele diz, cito:

Estrangeiro – Na verdade (...), esforçar-se por separar tudo de tudo, não é apenas ofender à harmonia, mas ignorar totalmente as musas e a filosofia. (...)
Estrangeiro – é a maneira mais radical de aniquilar todo discurso, isolar cada coisa de todo resto, pois é pela mútua combinação (*symplokê*) das formas que o discurso nasce.

O erro contra as musas e a filosofia seria propriamente ser alheio a arte do filósofo, isto é, a dialética, não entendendo que os gêneros, por sua natureza se comunicam ou se repelem. O tema aqui da *symplokê*, isto é, da combinação dos gêneros, é fundamental para a economia do diálogo, pois como diz Casertano sobre a característica própria da dialética no *Sofista* e nos outros diálogos ditos tardios é ser a “(...) a capacidade de conectar ideias, estabelecendo as possíveis relações e as eventuais



incompatibilidades ('distinguir por gêneros') (...)” (CASERTANO, 2018, p. 171). Essa noção é elaborada por Platão para desenvolver as relações mútuas entre os cinco gêneros superiores: o Ser, o Outro, o Mesmo, o Movimento e o Repouso.

No *Timeu*, isso fica especialmente claro, vemos elementos desta dialética apresentada no *Sofista* enquanto capacidade de saber quando ou gêneros se comunicam ou se repelem, sendo utilizados como categorias para explicar a cosmologia e como o demiurgo fabrica a alma do mundo: “fez com que o movimento do Mesmo se orientasse para a direita, girando lateralmente, e que o do Outro se orientasse para a esquerda, girando diagonalmente (*Tim.* 36c5-7). Segundo Rodolfo Lopes, em seu comentário ao *Timeu*, diz que:

(...) a cosmologia do *Timeu* produz um mundo bastante próximo do que descreve Empédocles (...) tal como acontece com o Amor e a discórdia (...), que atuam com os elementos de um modo diametralmente oposto, promovendo, ainda assim, o intercâmbio cíclico entre si (LOPES, 2012, p. 26)

É possível traçar uma relação de Platão, com os primeiros filósofos gregos. Entretanto, essa relação nem sempre é clara, pelo contrário é quase sempre ambígua, como diz Rodolfo Lopes:

A relação de Platão com esta tradição é quase sempre ambígua: se, por um lado, a tenta superar muitas vezes condenando abertamente alguns dos seus representantes; por outro, importa dela vários elementos cuja autoria propositadamente silencia (LOPES, 2012, p. 23.)

De toda forma, nos primeiros filósofos gregos é possível perceber uma maneira de se referir ao cosmos e a natureza como sendo resultado e expressão de contrários: parte e todo, Amizade e Discórdia, Uno e Múltiplo etc. Poderíamos chamar essa maneira própria dos antigos gregos de uma atitude dialética diante de *kósmos* e *physis*. Giovanni Casertano, por sua vez, nomeou essa posição diante do mundo e da natureza como sendo uma cultura profundamente dialética. Para ele essa ‘cultura dialética’ é presente se pensarmos:

(...) não se está a dizer que a cultura anterior ao filósofo (Platão) não seja profundamente dialética: basta apenas pensar no conceito de nascimento/morte que, pelo menos em Anaximandro a Parmênides, Empédocles e Demócrito, se afirma como sendo característica dos muitos fenômenos, mas se nega se referindo ao τὸ πᾶν, isto é, ao cosmos pensado como um todo (CASERTANO, 2018, p. 170).

Todavia, Casertano parece distinguir essa maneira dialética diante do mundo, da dialética pensada como esta arte de conversação e contraposição de teses. Para ele essa



perspectiva da dialética também é presente na cultura grega como um todo: “do teatro aos tribunais, em suma, em toda a vida cultural da nova organização da *pólis* grega” (CASERTANO, 2018, p. 170).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sucinto ensaio, se pretendeu trazer o maior número de elementos que tenho conhecimento para pensar a dialética em sua origem grega e as elaborações da dialética das divisões em Platão. Em suma, o tema deste ensaio era realizar uma apresentação deste método, tentando apresentar o estado da arte no qual a dialética provavelmente se encontrava no período.

Como projeto mais ousado e que não foi desenvolvido em toda sua potencialidade neste ensaio, encontra-se a possibilidade de relacionar filósofos pré-socráticos a Platão, tendo consciência da dificuldade e da ambiguidade dessas formas de correlações. De todo modo, com certeza será objeto de uma análise mais cuidadosa essas possibilidades que no ensaio em questão foram somente mencionadas, pois faltaria pesquisa suficiente para que o resultado fosse satisfatório.

Entretanto, não quis furtar-me da possibilidade de elencar essa possibilidade, tendo em vista a quantidade de elementos que, porventura, podem ser correlacionados e que ajudem a entender cada vez mais os autores pré-socráticos e também as obras de filósofos como Platão e Aristóteles.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Vivianne de Castilho Moreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024;

_____. *Prior Analytics*. Tradução: Robin Smith. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc, 1989;

ALMEIDA, N. E. “A árvore platônica das Formas: uma visão comparativa das concepções das Formas na República (V-VII) e no Sofista”. *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, volume 21, número 2, p. 219-241, julho de 2024;

_____. “Metafísica Platônica como Método das Formas”. *Dissertatio*, Pelotas, volume 49, número 1, p. 175-245, junho de 2019;

CORNFORD, F. *Plato’s Theory of Knowledge: the Theaetetus and the Sophist of Plato translated with a running commentary*. New York: The Liberal Arts Press, Inc, 1957;

COLLI, G. *O nascimento da Filosofia*. Tradutor: Federico Carotti. 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1992;

DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Weidmann, 1989;

KUCHARSKI, P. *Les Chemins du Savoir dans les Derniers Dialogues de Platon*. Presses Universitaires de France, 1949;

LOPES, R. “Ordenação dos Diálogos”. CORNELLI, G, LOPES, R. *Platão*. São Paulo: Paulus, 2018, 78-99;

_____. “Dialética”. CORNELLI, G, LOPES, R. *Platão*. São Paulo: Paulus, 2018, 169-185;

PLATO. *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903;

_____. *Theaetetus. Sophist.*. Tradução: Harold North Fowler. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1921;

_____. *Diálogos V: Parmênides. Teeteto. Sofista. Político*. Tradução: Maria Isabel Santa Cruz, Álvaro Vallejo Santos, Néstor Luis Cordero. Barcelona: Editorial Gredos, 2022;



- _____. *Fedro*. Tradução: José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2020;
- _____. *Górgias, Protagoras*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Ufpa, 2021;
- _____. *Timeu-Crítias*. Tradutor: Rodolfo Lopes. 2ª edição. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra, 2012;
- _____. “Sofista-Político”. In: *Diálogos*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972 (Coleção os Pensadores);
- PHILIP, A. “Platonic diairesis”. *Transactions of the American Philosophical Society*: 1966;
- PORFÍRIO. *Isagogé*: Introdução às Categorias de Aristóteles. Tradução: Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1994;
- SEXTO EMPIRICO. *Contra os Retóricos*. Tradução: Rafael Huguenin, Rodrigo Pinto de Brito. São Paulo: Editora Unesp, 2013;